

# O corpo na psicose no último ensino de Lacan\*

*Psychosis and the body in Lacan's last teaching*

*Paulo Eduardo Viana Vidal\*\**

*Felipe Vianna Pinheiro\*\*\**

## Resumo

*O objetivo deste artigo é refletir sobre a questão do corpo na clínica das psicoses a partir das contribuições de S. Freud e do ensino de Jacques Lacan, particularmente do chamado último ensino. Num primeiro momento, veremos como para Freud o corpo não é dado de antemão, a priori, mas precisa ser construído, o que Lacan reafirma ao assinalar que esse corpo só se constitui a partir do reconhecimento por um Outro, no chamado estágio do espelho. Em seguida, recorreremos ao chamado primeiro ensino de Lacan, para pensarmos como a relação do sujeito psicótico com o seu corpo é afetada pela forclusão do Nome-do-Pai. Por fim, nos voltaremos ao que ficou conhecido como o último ensino de Lacan, caracterizado pelo emprego do nó borromeano, pois este nos mostra como o escritor James Joyce se serviu de uma invenção, chamada sinthoma por Lacan, para dar conta das adversidades da sua relação com o corpo, para amarrá-lo aos demais registros.*

**Palavras-chaves:** *Psicanálise, corpo, psicose, sinthoma.*

## Abstract

*The aim of this paper is to discuss the role of the body in the psychosis clinic making use of the contributions of Sigmund Freud and Jacques Lacan's teaching, particularly the so-called last teaching. At first, we ascertain that*

---

\* Artigo reelaborado a partir de texto apresentado na XXII Jornada Clínica da EBP-RJ em 2013.

\*\* Professor Doutor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: paulovidal@id.uff.br

\*\*\* Doutorando em Psicologia Clínica na PUC-RJ, Mestre em Psicologia pela UFF. Psicanalista. E-mail: felipepinheiro@globo.com

*Freud considers that the body is not a given, a priori; it must be construed. This idea is reaffirmed by Lacan in his remarks that the body's constitution in the mirror stage requires recognition from the Other. We will then use the so-called first teaching of Lacan to reflect on how the relationship of the psychotic subject with his own body is affected by the foreclosure of the Name of the Father. Finally, we turn to the last teaching of Lacan, characterized by the use of the Borromean knot, due to the fact that it shows us how the writer James Joyce made use of an invention, known as symphom, by Lacan, to account for the adversities of his relationship with the body, to tie it to the other registers.*

**Keywords:** *Psychoanalysis, body, psychosis, symphom.*

## O CORPO EM PSICANÁLISE: UM RETORNO A FREUD

Aprendemos com Freud que o corpo, a nossa imagem corporal, não está dada *a priori*, deve ser construída pelo sujeito. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) o pai da psicanálise nos mostra isso ao demarcar as diferenças entre o auto-erotismo e o narcisismo. Na fase auto-erótica, a criança investe libidinalmente e procura obter prazer das zonas erógenas corporais na sua dispersão - ela é boca, ânus, olhos etc. – ainda não possui um corpo enquanto tal, entidade cuja formação coincide para Freud com o investimento (e constituição) do eu como objeto de uma libido por isso mesmo denominada narcísica. Nas palavras de Freud, “O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (1923, p. 32).

Graças ao investimento narcísico dessa superfície corporal coincidente com o eu, o sujeito terá um corpo, tornando-se em consequência capaz de diferenciar entre dentro e fora, entre eu e objetos. Tal unidade será salientada por Freud no seguinte trecho:

estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (1914,p.93).

Para elucidar em que consiste essa nova ação psíquica, ainda no início do seu percurso Lacan construiu a noção de estágio do espelho, a qual conjuga corpo, imagem, eu e libido. O autor nos mostra que o bebê ainda muito pequeno não reconhece sua própria imagem no espelho, ele tem certa estranheza sobre aquela imagem, quer saber o que ela é, busca olhar atrás do espelho para ver se encontra algo. É apenas no momento em que a mãe, que se acha atrás do bebê, olha para a imagem no espelho e assente com tal imagem, como se dissesse - aquele ali é você -, que a criança reconhece como sua a imagem especular, constituindo um eu:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem (...). É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem. (Lacan, 1966, pgs. 97 e 101)

Mas, para além da divisão entre o eu e o outro, é preciso que algo se interponha entre eles para que se constitua a sustentação dessa distância - o campo da linguagem, do Outro enquanto conjunto dos significantes -, de tal modo que a fala constitua uma alternativa à morte, à destruição mútua entre eu e outro.

Com Freud (1911), veremos que, na psicose, tal distância não foi bem estabelecida e, portanto, a construção dessa imagem corporal é frágil ou quase não se constitui.

## **O CORPO NA PSICOSE: DE FREUD AO PRIMEIRO ENSINO DE LACAN**

Conforme vimos com Freud (1914), é preciso uma nova ação psíquica para que o narcisismo se estabeleça e, conseqüentemente, uma distinção entre o Eu e o Outro possa ser introduzida. Já Vieira (2009) nos mostrou que a sustentação dessa distância permite a construção do falasser, onde

o sujeito se coloca então no campo das trocas, nas relações sociais. Assim um corpo próprio se estabelece e pode estar em contato com o mundo a partir dessa distância fundamental.

Entretanto, Freud (1911) igualmente nos mostra que, na psicose, a construção de um corpo, que se distinga do outro e por isso mesmo possa estabelecer uma relação com este, não se apresenta claramente como na neurose. Para este autor, na psicose, há uma preponderância da libido que não é dirigida aos objetos como na neurose, mas ao próprio eu:

a relação da hipocondria com a parafrenia é semelhante à das outras neuroses 'reais' com a histeria e a neurose obsessiva: podemos desconfiar, vale dizer, que ela está na dependência da libido do ego, assim como as outras estão na da libido objetal (Freud, 1914, p100)

A dependência da libido do ego ocorre na psicose justamente em função da distinção entre sujeito e objeto não ser plenamente demarcada. Para que a libido se dirija aos objetos, é preciso que essa divisão entre o Eu e o Outro esteja dada e que essa distância possa ser sustentada. Não há como a libido atravessar um percurso de um espaço ao outro se os dois espaços não estiverem claramente diferenciados entre si.

Aprofundando essa reflexão sobre o corpo na psicose, Freud demarca a diferença dessa experiência na paranoia e na esquizofrenia. Ambas se apresentariam na dependência da libido do ego, mas a paranoia teria uma fixação no narcisismo (demonstrado na experiência megalomaniaca) e, a esquizofrenia, no auto-erotismo, donde que se percebe na clínica o corpo do esquizofrênico como errante e fragmentado. Nas palavras de Freud sobre a paranoia,

Disto pode se concluir que, na paranoia, a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego. Com base nesta evidência clínica, podemos supor que os paranoicos trouxeram consigo uma fixação no estágio do narcisismo (Freud, 1911, p.96)

Na esquizofrenia nos diz Freud:

O prognóstico, em geral, é mais desfavorável do que na paranoia. A vitória fica com a reconstrução. A regressão estende-se não simplesmente ao narcisismo (manifestando-se sob a forma de megalomania), mas a um completo abandono do amor objetal e um retorno ao auto-erotismo infantil. A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranoia. (Idem, *Ibidem*, p.102)

Para falar desse corpo que abandonou o amor objetal, dessa indistinção primordial, Lacan elaborou uma reflexão teórica sobre o conceito freudiano de *Verwerfung*, o qual traduzirá por forclusão, termo que assinala uma falha no campo simbólico na psicose. Eis como tal conceito de *Verwerfung* aparece no caso Schreber, vertido por “abolição” na tradução brasileira:

Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetado para o exterior; a verdade é pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora (Idem, *Ibidem*, p.95)

Em seu retorno a Freud, Lacan nos diz: “A *Verwerfung*: trata-se da rejeição de um significante primordial (...)a exclusão de um dentro primordial” (Lacan, 1955, p.174). Trata-se, portanto, de algo fundamental que foi internamente abolido, excluído. Uma vez que as reflexões de Lacan sobre o corpo na psicose têm como ponto de partida a rejeição desse significante primordial, consideremos como Lacan pensa as relações entre significante e significado, as quais retomou do campo da linguística. A partir de Saussurite (1970), fundador da linguística moderna, Lacan marca que a palavra não tem de antemão um significado, este é sempre construído, o significado é *a posteriori* e o significante, ele sim, é primeiro.

Mergulhando no universo da linguística saussuriana para pensar sobre o inconsciente freudiano, Lacan irá discutir os textos O inconsciente (1915) e O Recalque (1915) de Freud. Irá nos mostrar que aquilo que é recalcado não são sentidos, significados, mas a representação das coisas, os significantes:

Trata-se do trecho do artigo de Freud, o Inconsciente, em que a representação das coisas, *Sachvorstellung*, e, a cada vez, oposta a das palavras, *Wortvorstellung* (...) Tudo que precede parece-me poder caminhar apenas num único sentido, ou seja, que tudo aquilo sobre o qual a *Verdrangung* opera são significantes. E em torno de uma relação do sujeito ao significante que a posição fundamental do recalque se organiza. É apenas a partir disso que Freud ressalta que é possível falar, no sentido analítico do termo, no sentido rigoroso, e diríamos operacional, de inconsciente e de consciente (p.59) de *Vorstellung* em *Vorstellung*, de representação em representação, em torno do que todo o mundo se organiza. (Lacan, 1959, p.64)

É também, portanto, na amarração entre os significantes, na circulação de representações que se constrói uma imagem corporal, um corpo que só pode se dizer que é seu porque está amarrado no campo da articulação significante, e que se inscreve no campo das relações porque busca encontrar sempre essa coisa primeira que acredita existir, mas que nunca vai encontrar. É portanto esse movimento infinito que caracteriza o trabalho do sujeito, movimento provocado por uma causa perdida:

O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito, pois ele é o fim, o termino, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que chamamos a lei da interdição do incesto (Idem, Ibidem, p.85)

A partir desse ponto essencial, o sujeito irá perseguir, tentar reencontrar algo que nunca atingirá plenamente, o percurso do significante nunca encontrará o que ele persegue - *das Ding*, a coisa – sendo que é justamente por nunca chegar ao ponto último, que se apresenta essa continuidade infinita no movimento dos significantes. De significante em significante, de representação em representação, é dali, nesse movimento, como vimos com Lacan, que se encontra o sujeito do inconsciente.

Aqui, portanto, Lacan marca a primazia do significante sobre o significado, de como o significante se antecipa ao sentido:

Mas não é porque as iniciativas da gramática e do léxico se esgotam num certo limite que se deve pensar que a significação reina irrestritamente para além. Isso seria um erro. Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. (Lacan, 1966, p.505)

Há, portanto, algo do significante que escapa ao sentido, algo que a gramática não dá conta, um real do significante que se impõe. Mais do que arbitrário, o significante é primeiro por relação ao significado. Para nos ajudar a pensar essa aposta lacaniana, Milner (2012) fala sobre a diferença entre a ciência e a arte. A ciência aposta em algo do campo da língua que é calculável, o que é conhecido como a comunicação, mas a arte mostra que esse cálculo é falho, pois há algo da língua que não é representável, que sempre escapa ao sentido, e é dentro disso que a arte trabalha. É também aí que a psicanálise intervém:

O limite entre a arte a ciência subsiste em um axioma que a primeira renega e sobre o qual a segunda se sustenta: o real da língua é calculável (...) É o que o conceito de comunicação efetua. Assim, cálculo por cálculo, vai se construir a rede do real, tendo como único princípio de investigação o impossível – leia-se, aqui, o agramatical. O surpreendente é que isso seja exequível. A psicanálise dispõe, aí, de uma única intervenção válida: enunciar que, em matéria de língua, a ciência possa faltar. (Milner, 2012, p.7 e 8)

Diante do real, da primazia do significante, o sujeito busca construir saídas para possibilitar uma amarração entre o significante e o significado. Uma amarração que disfarce a verdade dessa primazia, que possibilite um universo de trocas, que se estabeleça um discurso. Este ponto que possibilita tal amarração foi o que Lacan chamou de ponto de basta: “Ali se articula o que chamamos de ponto de basta, pelo qual o significante detém o deslizamento da significação, de outro modo indefinido” (Lacan, 1966, p.820). Vidal nos mostra que, no primeiro ensino de Lacan, quem assume esse lugar de ponto de basta é o Nome-do-Pai:

o Nome-do-Pai designa para Lacan nos anos cinquenta a condição para que nela se imponha a ordem simbólica. Na cadeia significante, o Nome-do-Pai

exerceria a primordial função de amarrar, de manter juntos os dois elementos heterogêneos que ela comporta – o significante e o significado – servindo de *point de capiton*, “ponto de basta” entre ambos. (Vidal, 2005, p.122)

É, portanto, no jogo entre a coisa e a palavra, significante e significado, realidade e fantasia, a consciência e o inconsciente, que alguma coisa se estabiliza no mundo neurótico. E, a partir desse ponto de basta que é o Nome-do-Pai, uma imagem corporal pode ser estabelecida.

Mas, na psicose, existe uma falha no jogo de articulações, um problema no campo das representações, existe algo tanto no campo da coisa como da palavra, que é muito crua, direta, e nesse jogo falta um manejo possível, há uma falha no simbólico. No trecho abaixo, Lacan escreve que Freud

Ele se dá conta de que a posição particular do esquizofrênico coloca-nos, de uma maneira mais aguda do que em qualquer outra forma neurótica, na presença do problema da representação (p.59) É na medida em que um termo pode ser recusado, que mantém a base do sistema das palavras numa certa distância ou dimensão relacional, que veremos desenvolver-se toda psicologia do psicótico – falta alguma coisa, em direção a que tende desesperadamente seu verdadeiro esforço de suprimento, de significantização (Lacan, 1959, p.83)

Segundo Freud, “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na verdade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução”(1911, p.94). Lacan mostrará que a construção da metáfora delirante permite ao psicótico alcançar certa estabilização da relação desse corpo despedaçado com o mundo:

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início a cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizem na metáfora delirante. (Lacan, 1955, p.584)



Entretanto, em seu último ensino, Lacan dará um passo além de Freud, apontando que existem outras possibilidades de estabilização na psicose que a metáfora delirante, formas de amarração desse corpo que se dão por meio da criação, envolvendo inclusive a arte.

## O CORPO NA PSICOSE NO ÚLTIMO ENSINO DE LACAN

Ao longo do seu percurso, Lacan desenvolveu uma reflexão sobre os conceitos de imaginário, simbólico e real. Naquilo que ficou conhecido como, o primeiro ensino de Lacan, em seus estudos sobre a linguística saussuriana e a antropologia de Lévi-Strauss, os estudos sobre estes três conceitos aparecem nas suas relações entre significado, significante e cadeia significante. Neste primeiro tempo de sua obra, a discussão sobre o corpo na psicose ocorre a partir da noção de uma falha no campo simbólico, de uma invasão do real e do enganchamento provisório (Lacan, 1955) que o imaginário oferece.

Aquilo que ficou conhecido como o último ensino de Lacan é caracterizado pelo momento final da obra do autor, no qual ele vai se afastando da linguística e adentrando o universo da topologia. Neste momento, dá continuidade às suas reflexões sobre os conceitos de imaginário, simbólico e real, mas tendo agora como norte um objeto específico da topologia: o nó borromeano. Neste, pelo menos três anéis articulam-se entre si de tal maneira que, caso um deles seja cortado, o nó se desfaz. Isto ocorre porque um anel não passa nunca pelo furo do outro (como é o caso dos anéis olímpicos), passa apenas por cima do segundo e por baixo do terceiro, e assim sucessivamente. Portanto, existe uma relação de dependência entre estes anéis, do mesmo modo que entre os três registros.

A partir do universo dos nós, dos enlaces e desenlaces do nó borromeano, das amarrações entre os três registros, Lacan refletirá sobre a questão do corpo e sobre a especificidade do corpo na psicose. Para chegarmos ao corpo na psicose, veremos as definições de base que Lacan dá a estes três conceitos em seu último ensino.

Ao desenhar o nó borromeano, Lacan põe o corpo no campo do imaginário. Marca que o imaginário é do campo da consistência, da

forma, da identidade. Nos diz: “A consistência.(...) é da ordem Imaginária (...) Imaginário do corpo; o que se cogita (...) é, de certa maneira, o que o Imaginário retém como enraizado no corpo (...) O Imaginário é grudento” (Lacan, 1975, p.119).

Dentro desta consistência corporal, há sempre algo que escapa, que fura, que rompe: é o que pertence ao universo simbólico. Para Lacan, o simbólico não é mais do campo da consistência e do corpo, mas da insistência e do furo: “o furo é bem o que é da ordem do Simbólico que fundei a partir do significante” (1975, p.82). Furo fundamental que marca o campo da diferença: “Freud refere-se à ideia de castração essencialmente dessa maneira, na qual a castração é uma transmissão manifestamente simbólica” (idem, ibidem, p.83).

Assim tanto o simbólico quanto o imaginário pertencem ao campo das representações, mas existe algo do inconsciente que pertence ao universo do irrepresentável, ao que chamará de real. Partindo da ideia de imaginário e simbólico, afirma que o real não pertence ao campo da consistência nem da insistência, mas ao da ex-sistência, o que existe no campo do fora, fora das representações, campo do irrepresentável, do impensável:

O Real é o que é estritamente o impensável (...) a ex-sistência não é no final das contas senão esse fora que não é um não-dentro (...) a ex-sistência está, por relação a esta correspondência, da ordem do Real. Que a ex-sistência do nó é Real (idem, ibidem, p.80)

Portanto, Lacan mostra-nos que, para o corpo se constituir, é preciso que o imaginário esteja enlaçado com o simbólico e com o real através do Nome-do-Pai:

Sem o Complexo de Édipo, nada de maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta (Lacan, 1975, p.39) O complexo de Édipo é, como tal, um sintoma. É na medida em que o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome, que tudo se sustenta. (Lacan, 1975, p.23)

Mas, quando o Nome-do-Pai foi foracluído, como se sustenta esse enlace? Como se apresenta esse corpo? Como podemos pensá-lo na psicose nesse último ensino de Lacan?

Ele responde à pergunta com Joyce. James Joyce (1882-1941) foi um grande escritor reconhecido mundialmente no final de sua vida. Ao ler sua obra, Lacan interessou-se por ele, viu na obra de Joyce a representação de uma forma de ver o mundo e as coisas de forma muito peculiar. Assim como Freud usou da leitura da obra de Schreber para escrever sobre a especificidade da psicose; Lacan, a partir de sua leitura da obra de Joyce, foi pensar a especificidade desta estrutura psíquica. Lacan diz:

O que lhe deixava mesmo enlouquecido era o pensamento de que todo mundo também sabia das reflexões a mais que ele se fazia com relação ao que considerava como falas que lhe eram impostas. Ele era, portanto, tal como ele se exprime, telepata emissor. Dito de outro modo, não tinha mais segredo, reserva alguma. Foi precisamente o que o fez cometer a tentativa de acabar com aquilo, o que chamamos de tentativa de suicídio, que também era o que o fazia estar ali e o que, em suma, me fez interessar por ele. (Lacan, 1976, p.92 e 93)

A partir da percepção de Lacan destas falas impostas vividas por Joyce, da ausência de reservas, segredos, o autor irá tentar pensar a relação entre a especificidade dessa experiência e suas reflexões sobre a topologia. Para isso o autor nos conta, primeiro, sobre uma situação vivida por Joyce, na qual ele toma uma surra:

ele encontrou colegas para prendê-lo contra uma cerca de arame farpado e dar nele, James Joyce, uma surra( ...) Depois dessa aventura, Joyce se interroga sobre o que fez com que, passada a coisa, ele não guardasse rancor (...) ele metaforizou sua relação com seu corpo. Constata que todo o negócio se esvaiu, como uma casca, diz ele (idem, ibidem, p.145)

Lacan pergunta então o que teria levado Joyce a viver tal experiência de maneira tão peculiar:

Se o ego é dito narcísico, é porque, em certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem. No caso de Joyce, o fato de não haver interesse por essa imagem naquela ocasião não é o que assinala que o ego tem nele uma função particularíssima? E como escrever isso em meu nó bo? (idem, ibidem, p.146)

Pergunta à qual Lacan responde desenhando o nó borromeano de uma outra maneira, na qual há uma falha na amarração dos registros. Falha que faz o simbólico se enlaçar com o real, mas deixando o imaginário solto, desenlaçado. Nas palavras de Lacan:

Suponham que aqui onde faço tal indicação, a terceira rodinha passe por cima do grande R em vez de passar por baixo. Qual o resultado disso? Só resta ao grande I cair fora. Ele desliza, exatamente como o que acontece com Joyce depois de ter levado aquela surra. Ele desliza, a relação imaginária não acontece. (Idem, *Ibidem*, p.146-147)

Vemos então que a relação imaginária não acontece, a consistência da imagem corporal não se dá. Em seu último ensino, Lacan leva a afirmação freudiana às últimas consequências: a imagem corporal não está dada *a priori*, precisa ser construída. Na neurose, ela se dá pelo Nome-do-Pai, que estabelece um discurso no qual esse corpo (com todas as suas falhas também, é claro) se forma, produz uma unidade. Na psicose, o discurso não está dado, ele ainda necessita ser construído. Conforme diz Miller,

O dito esquizofrênico, Lacan o considera como caracterizado pelo fato de que, para ele, o problema do uso dos órgãos é especialmente agudo e que ele deve ter recursos sem o socorro de discursos estabelecidos, ou seja, ele é obrigado a inventar um discurso, é obrigado a inventar seus socorros, seus recursos, para poder usar seu corpo e seus órgãos (...) Mas as invenções paranoicas não são do mesmo registro que as invenções esquizofrênicas. Elas incidem basicamente no laço social. Para o paranoico, não se trata do problema da relação com o órgão ou com o corpo, mas do problema da relação com o Outro. Ele é então levado a inventar uma relação com o Outro (Miller, 2003, p.11)

A partir de Joyce, Lacan abriu uma porta que nos ajuda a pensar que outras saídas o psicótico pode inventar para poder viver nesse corpo, nesse mundo, para além do recurso da metáfora delirante. No caso de Joyce, aponta que o mesmo conseguiu amarrar esse nó falho por meio da invenção do que chamará *sinthoma*, invenção que realiza através da sua atividade, do seu fazer de escritor:

O que eu disse da última vez fazia alusão ao fato de que o sintoma, o que chamei este ano de *sinthoma*, é o que permite reparar a cadeia borromeana no caso de não termos mais uma cadeia, a saber se em dois pontos cometermos o que chamarei aqui de erro (...) Trata-se de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum mais segure o outro(...)Pensei que aí estava a chave do que aconteceu com Joyce(...)ao se pretender um nome, Joyce fez compensação da carência paterna(...) o que proponho aqui é considerar o caso de Joyce como respondendo um modo de suprir um desenodamento do nó (...) Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano. (Lacan, 1976, p.148)

No seu último ensino, Lacan aponta que o analista pode exercer a função de ajudar o psicótico nas suas tentativas de construir uma relação possível com o corpo. Conforme destacamos com Miller (2003), na paranoia talvez caiba ao analista ajudar o sujeito psicótico a inventar recursos de mediação que façam com que o corpo não seja totalmente invadido pelo Outro. Já na esquizofrenia o corpo sequer foi produzido, ele está fragmentado, despedaçado, a imagem corporal realmente não se constituiu.

No caso do esquizofrênico, portanto, é preciso dar um passo atrás. Cabe ao analista ajudar o sujeito a inventar um corpo, apostando no que mestre Guimarães Rosa denominou “gaio descobrimento”: no Hospício de Alienados, um “louquinho” colava seu ouvido à parede. Quando um visitante lhe perguntou o que ouvia, ele respondeu “encoste a cabeça na parede e escute”. O visitante comprimiu a orelha na parede, mas para avisar “não estou ouvindo nada”, ao que o louquinho retrucou: - “Está assim há cinco horas” (Rosa, 1967, p. 525). Para lidar com a tirania de um órgão do corpo - a voz - cujo despotismo intrusivo se manifesta na alucinação verbal, esse sujeito inventou uma parede que não tinha ouvidos...

## REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1911/1996). *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1914/1996). *A história de movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.

- Lacan, J. (1955-6/2003). *O Seminário: Livro III – As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1959-60/1988). *O seminário: Livro VII – A ética em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1974-75). *Seminário XXII, RSI*. Tradução não oficial.
- \_\_\_\_\_. (1975-76/2010). *O seminário: Livro XXIII – O Sinthome*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1966/2002). *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J. A. (2003). A invenção psicótica. *Opção lacaniana*, 36, p. 6-17. São Paulo: Edição edia.
- Milner, J-C. (2012). *O amor da língua*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Rosa, G. (1967). *Tutaméia*. In *Ficção completa*, volume II. RJ: Editora Nova Aguilar.
- Saussure, F. (1970). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- Vidal, P. (2005). *Declinando o declínio do pai*, Rio de Janeiro, Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.